

Da razão à revelação: uma introdução ao mito em Paul Tillich

Vitor Chaves de Souza*

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de elucidar a importância do mito no pensamento de Paul Tillich e o papel deste campo de estudo em sua teologia e filosofia. Para tal tarefa, delimitou-se um caminho pelo qual serão contempladas questões como o limite da razão, a dinâmica do símbolo e a profundidade da revelação relacionadas ao mito. Concluirá que o mito possui autonomia diante das demais ciências e que, para compreendermos melhor as narrativas religiosas, é necessária a vivência do mito em categorias ontológicas da fé.

Palavras-chaves: Paul Tillich; mito; símbolo; razão.

FROM REASON TO REVELATION: AN INTRODUCTION TO THE QUESTION OF MYTH IN PAUL TILlich

ABSTRACT

This article seeks to demonstrate the importance of the myth for Paul Tillich's thought and its role in his theology and philosophy. For this task it was delimited the path through some questions such as the limits of reason, the dynamic of the symbol, and the depth of revelation related to the myth. It will be concluded that the myth features autonomy from any other science, and, in order to understand the religious narratives, it is necessary to experience the myth in ontological categories of faith.

Keywords: Paul Tillich; myth; symbol; reason.

Introdução

Qual foi o trabalho acerca do mito feito por Paul Tillich? O estudo do mito de Tillich é razoavelmente simples, mas ao mesmo tempo

* Teólogo, mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: vitor@chaves.com.br

complexo. Simples, pois tal estudo possui uma centralidade e uma preocupação elementar: a relação entre mito e razão, em um primeiro momento, e o que significa o mito para a Teologia, num segundo momento. No entanto, sua compreensão é complexa, uma vez que Tillich pensa o mito em categorias que servem à Teologia em sua grande obra acadêmica. Com esta pesquisa buscaremos elucidar a importância do mito para Paul Tillich e o papel deste campo de estudo em seu pensamento. Percorreremos as questões do limite da razão e do mundo do mito, como também a importância da revelação para a narrativa mítica. Desta forma, pretendemos contribuir à Teologia e às Ciências da Religião com uma investigação hermenêutica sobre o profundo tema do mito em um dos teólogos e filósofos mais importantes do século XX.

Mito e razão

O ponto de partida é delimitar onde se dá a reflexão acerca do mito em Paul Tillich. O filósofo trabalha o mito no primeiro volume da *Teologia Sistemática*.¹ Inicialmente, em uma breve leitura da obra, tendo o mito em foco, percebe-se que o mesmo está subordinado à teologia. “Todo mito contém um pensamento teológico que pode ser e, de fato, muitas vezes foi explicado.”² Para Tillich, as especulações míticas ou metafóricas unem elevação meditativa com inserção teológica – é o caso das espiritualidades ocidentais, onde as narrativas de determinadas histórias míticas estão enraizadas na vida cotidiana sem que haja uma distinção clara do que seria o real e do que seria o mítico. Ao trabalhar com o pensamento grego, a filosofia clássica une a análise racional à visão teológica. É nesta perspectiva que, segundo Tillich, todas as tentativas de interpretações éticas legais e rituais da lei divina são formas de teologia. Pensar o mito é, para Tillich, *fazer teologia*. Aqui, teologia no sentido puro do termo, *theos* e *logos*, Deus e palavra, ou seja, teologia é, a rigor, uma narrativa sobre Deus.

Feita esta distinção básica e fundamental – de que o mito está subordinado à teologia, uma vez que a própria teologia é uma narrativa sobre Deus – toda teologia possui mitos e todo mito compreende uma

¹ Cf. TILlich, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

² TILlich, Paul. *Teologia Sistemática*, p. 33.

teologia; afinal, o mito comporta categorias do incondicional. Qual é, portanto, a novidade do mito em Paul Tillich?

Ao falar de mito Tillich se reporta à razão. Para o filósofo,

“a profundidade da razão é aquela característica da razão que explica duas funções da mente humana, o mito e o culto, cujo caráter racional não se pode afirmar nem negar, porque apresentam uma estrutura independente que não pode ser reduzida a outras funções da razão nem ser derivada de elementos psicológicos ou sociológicos pré-racionais”.³

Esta citação delimita a importância do mito: uma linguagem da mente humana que não poderia ser dita senão pela narrativa mítica. Há autonomia e funções próprias do mito, as quais, se trabalhadas com a teologia, podem elucidar aspectos da condição humana. Tillich diz ainda:

“o mito não é ciência primitiva, nem o culto é moralidade primitiva. Seu conteúdo, assim como a atitude das pessoas frente a eles, revela elementos que transcendem tanto a ciência quanto a moralidade – elementos de infinitude que exprimem preocupação última. Esses elementos estão essencialmente implícitos em todo ato e processos racionais. Por isso, eles não requerem, a princípio, uma expressão separada”.⁴

O mito, portanto, é importante para Tillich e merece um cuidado especial. Estas citações são chaves de leitura fundamentais para colocarmos o mito de Tillich em diálogo com seus conteúdos. A relação do mito com a teologia, ou melhor, a subordinação do mito para a teologia, é o primeiro estágio para a abordagem original do mito em Tillich. Nesta relação é aberta a discussão daquilo que ele denomina por *a profundidade da razão*. Há uma dimensão de transcendência da própria razão. “A profundidade da razão é a expressão de algo que não é a razão”, diz Tillich, “mas que a precede e se manifesta através dela”⁵. Tudo que se expressa através da expressão racional é a transcendência da razão. Há como variantes os elementos metafóricos. A metáfora, neste caso, é uma potencialidade infinita de ser e de sentido que ultrapassa a razão. O mito, do mesmo modo, assim como a metáfora, ocupa

³ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 93.

⁴ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 93.

⁵ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 92.

parte da esfera racional que comunica aquilo que a razão em si não seria capaz e comunicar.

Desta forma, “a profundidade da razão está manifestada de forma essencial na razão, mas está oculta na razão sob as condições da existência. Por causa dessas condições, a razão na existência se expressa a si mesma não somente em suas funções próprias, mas também no mito e no culto”⁶. Aqui notamos que a dicotomia comum que contrapõe razão e mito, presente no iluminismo, não é relevante para Tillich. Razão e mito são igualmente importantes para o ser humano. É devido a condição humana – a limitação pela finitude e outras demais questões que ameaçam o ser – que Tillich afirmará: “em si, não deveria haver nem mito nem culto; eles contradizem a razão essencial. Eles mostram, por sua própria existência, o estado ‘caído’ da razão que perdeu a unidade imediata com sua própria profundidade”⁷.

De uma forma geral, o mito estaria nos limites da razão. Mas, ao invés de pensar o papel dos limites da razão, Tillich prefere incorporar a dimensão do mito na reflexão a simplesmente negar que outras narrativas (metafóricas e míticas) tenham menos importância que o processo racional moderno. Ele constata que o mito anuncia algo que a razão não comporta e, por isso, o mito tem particular importância. Em suma, para Tillich o mito (e consequentemente toda atividade que dele advém, como o culto e as práticas ritualísticas) se considerado como expressão da profundidade da razão, em forma *simbólica*, estaria em uma dimensão onde não é possível nenhuma interferência com as funções próprias da razão.⁸ Deste modo, não haveria, necessariamente, conflitos entre *mito* e *conhecimento*, *culto* e *moral*, uma vez que foi compreendida a profundidade do conceito ontológico da razão.

Feita esta distinção inicial, podemos continuar no mito, aproximando-o da própria teologia; afinal, há outra dimensão do mito que tem mais a ver com a religiosidade do que o processo racional, que é sua relação com o *símbolo* e a *revelação*.

⁶ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 94.

⁷ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 94.

⁸ Cf. TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 94.

Mito e símbolo

No livro *Dinâmica da Fé* Tillich diz: “Mitos são símbolos da fé associados à lendas, os quais falam do encontro com os deuses entre si e dos deuses com os homens”⁹. Basicamente, o mito é uma narrativa onde a transcendência incondicional torna-se possível. Deste modo, “símbolos e mitos são formas da consciência humana que estão sempre presentes; é possível substituir um mito por outro, mas não se pode remover o mito da vida espiritual do ser humano”¹⁰. O mito está presente nas vivências do indivíduo e em sua constituição de mundo. O mito é, portanto, *uma variação imaginária de mundo*.

A visão de mundo que o mito inaugura traz consigo uma estrutura na qual três aspectos são vivenciados independente e dependentemente um do outro. Conforme Rosenthal¹¹, há três dimensões no mundo do mito: o *religioso*, onde comporta o símbolo e a revelação, representando o incondicionado; o *científico*, onde são compreendidas as categorias cognitivas e racionais, fazendo a referência à realidade objetiva; e o *núcleo mítico*, que é a objetificação do transcendente a partir de propriedades imanentes.

As três dimensões são importantes (e as três se dependem mutuamente), porém, interessa-nos, sobretudo, o núcleo mítico. Tillich comenta que o núcleo mítico é essencialmente simbólico, sem expressão empírica, dando espaço para a incondicionalidade divina e a racionalidade humana. É neste ponto que podemos inferir a clareza da concepção de mito de Tillich: o mito seria a descrição das relações entre a transcendência e a imanência.¹² É no conflito entre o condicionado e o incondicionado que surge a narrativa mítica: a tentativa de satisfazer os anseios religiosos diante da queda.¹³

⁹ TILLICH, Paul. *Dynamics of Faith*, New York: Harper, 2001, p. 43.

¹⁰ TILLICH, Paul. *Dynamics of Faith*, p. 45.

¹¹ ROSENTHAL, Klaus. “Myth and Symbol: I. Tillich’s Definition of Unbroken Myth”. *Scottish Journal of Theology*, 1965, 18, pp 411-434.

¹² CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; HIGUET, Etienne Alfred. *A interpretação da simbólica da queda em Paul Tillich: um estudo em hermenêutica teológica*. 2007. 302 f. Tese (doutorado em Ciências da Religião) --Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, p. 57.

¹³ Cf. FISCHER, Simon. “Half-way Demythologisation?” In: *Modern Theology*, 3:3, 1987, p. 253.

A partir disso, há o que Tillich denomina por “mito quebrado”, i.e., quando o conteúdo do mito, em geral sua abordagem racional e empírica, é desconectada de sua referência transcendente e submetido à crítica científica. Neste sentido Tillich diz: “O mito precisa, como se diz hoje, de desmitologização”¹⁴. Há no mito uma verdade de preocupação última veiculada por ele. No entanto, seu conteúdo literal não é exatamente preciso, tanto no sentido religioso como científico. Não há um desejo de extinção dos mitos, pelo contrário, o mito possui sua originalidade e faz parte da condição humana, mas há uma busca pela integridade do mito na vida religiosa, pelo espaço original do mito e seus conteúdos. Basicamente o que está no cerne da questão da teologia de Tillich é a *preocupação última*. Esta transcende qualquer estrutura empírica ou quaisquer possibilidades de objetificação. A divindade está além da linguagem, de modo que não é possível diferenciá-la características no próprio mito. O que é original no mito, para Tillich, é o impulso em direção ao incondicionado, presente também no símbolo. Neste sentido, o mito estabelece uma conexão entre visão de mundo e intuição do incondicionado transcendente. Portanto, uma das grandes contribuições de Tillich acerca do mito é que este *auxilia na compreensão de mundo*.

Dito isto, o caminho para a reflexão acerca do papel do mito na religião é aberto pela reflexão tillichiana. Desde a relação do mito com a razão, com a ciência, seu aprofundamento na demitologização, até a questão do misticismo etc. No entanto, o caminho pelo qual Tillich opta é através da *revelação*.

Mito e revelação

A revelação é um dos assuntos comuns que dialoga com demais temas na *Teologia Sistemática*. Compreenderemos melhor o papel do mito em Tillich se o relacionarmos à revelação. Inicialmente Tillich não discute a validade da revelação. Para ele, a importância da revelação, antes de qualquer pressuposto dogmático, consiste na constituição dos paradoxos da religião, tais como a concepção de Deus, a gênese da fé, a coragem de ser etc.

¹⁴ ROSENTHAL, Klaus. “Myth and Symbol:I. Tillich’s Definition of Unbroken Myth”. *Scottish Journal of Theology*, p. 425.

É justamente devido a densidade simbólica do mito, i.e., a sua capacidade de impulsionar em direção ao incondicionado, que o mito é um espaço privilegiado para a revelação. Se a polêmica estiver ainda na razão, Tillich a subtrai posicionando-se favorável à coexistência de ambos os lados: “A revelação não destrói a razão: é a razão que suscita a pergunta pela revelação”¹⁵. O filósofo pensa o mito em relação ao aspecto ontológico da razão e a realidade da revelação.¹⁶

Que é esta *realidade da revelação*? A revelação, para Tillich, é o aspecto *prático do mito*. “Uma revelação é uma manifestação especial e extraordinária que remove o véu de algo que está oculto”¹⁷. Aqui existe a dialética do mistério. Falar de revelação é falar também de mistério, um conceito que vem de Rudolf Otto e que influenciou Tillich.¹⁸ O mistério não é sinônimo de enigma, desconhecido ou supernatural. Mistério é aquilo em que se pode conhecer em parte, mas desconhecemos o todo. O mistério é uma dimensão existencial onde, se aprofundado, dá lugar à revelação. A realidade do mistério está na *experiência do indivíduo com o mundo*. No salto da fé, pode-se experimentar no mistério a possibilidade da revelação. Portanto, a revelação é uma via de conhecimento, um meio para a descoberta do incondicionado.

Apesar de ser cognitiva, a revelação não dissolve o mistério em conhecimento, sobretudo o conhecimento empírico. A revelação transcende o contexto habitual das experiências e aponta para novas formas de ser. Diz Tillich: “O mistério revelado é nossa preocupação última”; e conclui: “porque é o fundamento de nosso ser”¹⁹. O mito, neste sentido, é a narrativa principal que comporta as variedades de preocupações últimas registradas ao longo da história, que se tornou patrimônio da humanidade. É neste momento que, para Tillich, o mito, o símbolo e o rito estão diretamente relacionados, de modo que eles próprios se tornam na profundidade da experiência religiosa.²⁰ É interessante notar

¹⁵ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 94.

¹⁶ cf. o capítulo dois da *Teologia Sistemática*, que trata sobre a *realidade da revelação*.

¹⁷ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 121.

¹⁸ JOSGRILBERG, Rui. “Ser e Deus – Como Deus é recebido, por revelação, em nossa experiência?”. *Estudos de Religião* n. 10, 1995, p. 62.

¹⁹ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 123.

²⁰ Cf. TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 157.

que Tillich diferencia mito de símbolo, principalmente quando se refere a Deus.²¹ Não há mitos sobre a totalidade das coisas em Deus, segundo Tillich. No entanto, Deus é o símbolo da unidade e da totalidade.²²

A questão do mito e do símbolo só tem sentido quando colocada junta com a revelação, pois é na busca pelo incondicionado que surgem as narrativas míticas – que comportam símbolos. As descrições de experiências religiosas, as visões de mundo, as construções arquetípicas das religiões milenares estão em um encadeamento narrativo característico pelo símbolo e pelo mito. Desta variedade de mundos advém o estudo privilegiado do mito em Tillich.²³ Para Tillich, a questão é o estudo do mito encontram-se em um lugar particular: o estudo da filosofia da religião – que analisa a teoria geral das categorias da religião – pode ser dividido, em termos de estrutura e funções de sentido, em uma parte teórica (metafísica) e em outra parte prática (ética); onde ambos apontam para o incondicional.

O mito, portanto, está na esfera teórica, onde teríamos a “filosofia do mito” e a “filosofia da revelação”.²⁴ Se a revelação é a forma na qual o objeto religioso é dado teoricamente à fé religiosa, o mito é a forma da expressão para o conteúdo da revelação.²⁵ Sendo o mito essencialmente uma *narrativa* religiosa, para Tillich toda religião possui narrativas, nas quais estão os mitos. O que diferenciaria um mito do simples registro histórico, do *midrash* judaico, da hermenêutica dos teólogos? Primeiro, precisa-se de um objeto revelado. Depois, de um símbolo: o objeto revelado poderá se tornar em um símbolo, ou um símbolo o representará. Por fim, precisa apontar para o incondicional. O mito contém necessariamente a vivência do incondicional, i.e., a existência mediada pelas narrativas religiosas, o espírito carregado e

²¹ Cf. TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 302.

²² Cf. TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. p. 302.

²³ Dentre as diversas exteriorizações da religião, há ainda a questão do misticismo em Tillich. Não é porque a palavra “misticismo” parece ter raiz na palavra “mito”, mas porque o misticismo é uma dimensão do incondicional. É o lugar onde está o mito e as coisas da religião. No caso, o misticismo estava acima do mito e do culto, pois “misticismo” significa a união com o sentido importante incondicionado enquanto chão e abismo de todas as coisas condicionadas. Cf. TILLICH, Paul. *What is Religion?* New York: Harper & Row, 1973, p. 90.

²⁴ TILLICH, Paul. *What is Religion?*, p. 102.

²⁵ TILLICH, Paul. *What is Religion?*, p. 102.

preenchido de sentido sagrado.²⁶ A união destas duas partes – a existência imediata e o espírito cheio de sentido – torna possível a relação entre o condicionado e o incondicional. É nestas circunstâncias onde a verdade simbólica no mito é realizada (“*achieved*”).²⁷

Este é o campo semântico no qual Tillich passou da razão à revelação. Esta abordagem do mito, conforme Tillich buscou trabalhá-la, é semelhante à área de interesse dos filósofos Mircea Eliade e Paul Ricoeur. Com eles poderíamos falar em uma *epistemologia do mito*.²⁸ Pois é no mito onde a apreensão lógica e estética do incondicional veem juntas.²⁹ O mito não é apenas estética: ele pretende dar expressão ao verdadeiro e real. É nesta dialética que Tillich concluirá que todo pensamento metafísico correlaciona racionalidade e mito, todo progresso da ciência moderna traria sempre elementos míticos implícitos. Cada área do saber teria seus próprios mitos, pois este é uma condição do ser humano. O mito pode passar a ser metafísica em culturas autônomas.³⁰ E, ao final, o que teríamos seriam conflitos de diferentes mitos. Diferenciando-se de Cassirer, onde o mito está separado das demais ciências, o mito, para Tillich é uma esfera que é ao mesmo tempo intelectual e cultural. O dogma, neste caso, não passaria de uma teoria da metafísica teonômica ou uma teoria do mito com símbolos autônomos.³¹ E a desmistificação seria, portanto, justamente para preservar a profundidade do mito e a preocupação última implícita nele.

Em suma, ao pesquisarmos a questão do mito em Paul Tillich, a despeito de suas boas contribuições à reflexão, parece que foi suficiente para ele os conteúdos aqui expostos (dentro dos limites propostos por este artigo). Evidentemente, sua Teologia Sistemática não perde profundidade nem coerência pela brevidade do mito. É-nos conhecido o

²⁶ TILLICH, Paul. *What is Religion?*, p. 105.

²⁷ TILLICH, Paul. *What is Religion?*, p. 105.

²⁸ Sobre este assunto, Paul Ricoeur comentou, em um de seus últimos escritos acerca do mito, sobre a necessidade em se fazer um estudo sério daquilo que ele chamou de *tipologia do mito*. Cf. RICOEUR, Paul. “The History of Religions and the Phenomenology of Time Consciousness”. In: KITAGAWA, Joseph M. (Ed.) *The History of Religions: Retrospect and Prospect*. Macmillan Publishing Company: London, 1985.

²⁹ TILLICH, Paul. *What is Religion?*, p. 102.

³⁰ Cf. TILLICH, Paul. *What is Religion?*, p. 104-105.

³¹ TILLICH, Paul. *What is Religion?*, p. 105.

se interesse pela pesquisa do mito de Mircea Eliade. Chegou a declarar que poderia rever parte de sua obra se ele tivesse considerado mais a história das religiões e seus mitos.³² Onde ele gostaria de chegar se tal reformulação acontecesse? Não sabemos. Assim, fica para nós o desafio de continuar sua pesquisa para descobrir novidades que talvez Tillich não teve tempo hábil ou oportunidade para tal trabalho.

Considerações

Tão vasta é a obra de Tillich e tão breve é a extensão do mito dedicada por ele. O autor desenvolve melhor a questão no primeiro volume da *Teologia Sistemática*. Há um pequeno artigo denominado “Mito e Mitologia”, disponível nas Obras Completas (*Main Works*) do autor, que representa apenas uma pequena nota hermenêutica a respeito de algumas mitologias – e não propriamente uma análise rigorosa da função do mito. Em Tillich não encontramos uma descrição aprofundada sobre o mito, como podemos encontrar em outros filósofos, e.g., Mircea Eliade e Paul Ricoeur, conforme já mencionados. A análise de Tillich acerca do mito é praticamente uma conceituação básica da função e do papel do mito para a teologia. Como ele mesmo diz, o mito está subordinado à teologia e toda teologia tem um pouco do mito. Feita esta distinção, podemos compreender porquê o autor preferiu, assim, elaborar uma *Teologia Sistemática* à dedicar-se na questão dos mitos.

Portanto, a teologia, como a fé, para Tillich, é o estudo das nossas preocupações últimas.³³ Nesta procura há um apontamento que vai além da separação fundamental entre o sujeito e o objeto. Deste modo, a teologia não é um conhecimento de Deus enquanto um objeto do saber ou enquanto uma conclusão de um argumento. A teologia, para Tillich, é um entendimento pessoal do divino enquanto o fundamento de toda ação e pensamento. Em suma, é a fonte do ser, é a resposta diante da vida. Não é possível separar teologia da vida. A espiritualidade, por-

³² TILLICH, Paul *apud* MUTHURAJ, Joseph G., *The Significance of Mircea Eliade for Christian Theology* em *Bangalore Theological Forum*. United Theological College: Bangalore, Vol. XXXIII, No. 2, December 2001, p. 46.

³³ TILLICH, Paul. *Dynamics of Faith*. New York: Harper and Row, 1957, p. 11.

tanto, está no coração da teologia.³⁴ E as grandes narrativas que falam da fé, da espiritualidade e da vida estão guardadas nos mitos.

Referências

CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; HIGUET, Etienne Alfred. *A interpretação da simbólica da queda em Paul Tillich: um estudo em hermenêutica teológica*. 2007. 302 f. Tese (doutorado em Ciências da Religião) --Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

FISCHER, Simon. "Half-way Demythologisation?" In: *Modern Theology*, 3:3, 1987, pp. 245-254.

JOSGRILBERG, Rui. "Ser e Deus – Como Deus é recebido, por revelação, em nossa experiência?". *Estudos de Religião*, n. 10 (Paul Tillich: 30 anos depois – introdução à Teologia Sistemática). São Bernardo do Campo, IMS: 1995, p. 55-72.

MUTHURAJ, Joseph G., *The Significance of Mircea Eliade for Christian Theology em Bangalore Theological Forum*. United Theological College: Bangalore, Vol. XXXIII, No. 2, December 2001.

ROSENTHAL, Klaus. "Myth and Symbol: I. Tillich's Definition of Unbroken Myth". *Scottish Journal of Theology*, 1965, 18, pp 411-434.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. *A History of Christian Thought*. New York: Harper and Row, 1968.

_____. *Biblical Religion and the Search for Ultimate Reality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1955.

_____. *Dynamics of Faith*. New York: Harper, 2001.

_____. *Filosofía de la Religión*. Megápolis, Buenos Aires, 1973.

_____. *História do pensamento cristão*. 4 ed. São Paulo: ASTE, 2007.

_____. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 1999.

_____. *Systematic Theology*. Vol. 1. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

_____. *Systematic Theology*. Vol. 2. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.

³⁴ Cf. TILLICH, Paul. *A History of Christian Thought*. New York: Harper and Row, 1968, p. 184.

_____. *Systematic Theology*. Vol. 3. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

_____. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

_____. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. *The Future of Religions*. Santa Barbara, CA: Greenwood Pub Group, 1976.

_____. *What is Religion?* New York: Harper & Row, 1973, p. 90.